



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Antonio Malta Campos

Longevida

Farlife

01 de junho a 30 de julho 2022

june 01 to july 30 2022

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil

info@simoedeassis.com
+55 41 3232-2315

E no princípio era Antonio

Conheço Antonio Malta desde sempre. Antes de saber se a Terra era redonda, antes de amarrar meus próprios cadarços, de escovar, sozinho, meus leitosos dentes. Muito antes até do descobrimento da figura atemporal de Antonio Malta, pois no princípio dos tempos só existia o Antonio, que era o irmão do Candinho. Isto, quando o portão de ferro ainda não era azul, e o Bola de Neve ficava na Ibsen da Costa Manso.

No entanto, houve um fato decisivo, misterioso e inexplicável.

Um belo dia todos os Malta desapareceram da face da Terra e diz a lenda que eles migraram para o Hemisfério Norte.

Quando voltaram, estavam diferentes. As xícaras que eram de branca louça se transmutaram para um vertiginoso plástico laranja. O guidão de sua bicicleta espichou bifurcado num espantoso pescoço berlineta. E eis que, de repente, avisto deslizando pela Itapirapuan um Malta redesenhado, moderno, lépido e com alourados cabelos esvoaçantes.

Diante dos meus olhos abismados, um novíssimo Antonio esculpia em pleno asfalto a rota de seu futuroculto.

Brotada, a semente da amizade espalhou-se em ramas múltiplas, viçosas e verdejantes. Como fruto maior, o desenho a lápis, grafite colorido, a canetinha hidrográfica Sylvapen, antecipando a chegada do Nanquim.

Nessa época, mesmo alfabetizados e falantes, nos comunicávamos melhor quando cobríamos papel: esse era o nosso vocabulário.

Nunca perguntei ao Antonio sobre a importância do Hergé e do Tintin em sua vida. Mas do Millôr tenho certeza.

Assolados por um delírio ubatubozo, passamos um dia inteiro procurando a entidade do ídolo, que não sei quem disse que estaria no Lázaro. Em vão. Mitos não caminham a passos humanos, voam com as asas invisíveis dos super-heróis.

Na adolescência foi que veio a constatação inequívoca: Antonio era craque. Mais do que palavras, nessa vida, nós dois trocamos passes. Os meus, estabanados e afoitos, sempre foram aparados pela técnica refinada do amigo corintiano. Malta— como ficou conhecido nessa época—, já era titular absoluto do Papagaio. Dono da camisa 5, que nunca me pareceu justa para sua categoria de meio-armador. É que no meio-campo havia a concorrência dos habilidosos Marcelo Fromer e Rodrigo Andrade. Mas isso é outra história.

O nome do time, Papagaio, veio da revista em quadrinhos homônima. Três números espetaculares, publicados pela gráfica do Colégio Equipe. Nas páginas da revista, o talento de Malta surgia com destaque. Criação genial, Doctor Josesmain definiu um signo que permearia a obra do meu pretérito-eterno amigo: o chapéu de abas-curtas (seria o chapéu do enigmático senhor uma relação com os desconcertantes chapéus que o seu criador distribuía, implacável, nos campos?). Ainda na revista Papagaio, Malta desenhou os hoje impublicáveis Trocadelhos do Carilho.

Eis que então surge o inesperado: como um monge do Butão, Malta se recolhe num silêncio enigmático e perturbador. Mergulha num retiro particular que, se naquela época parecia ser um inescrutável buraco negro, hoje entendo como sendo o big-bang de sua trajetória disruptiva. Malta criou ali seu universo pictórico, tão singular como sedutor. Sua marca, seu selo, seu tempero, linguagem e estilo.

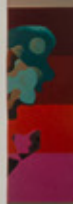
O que nossa amizade tem de perene e constante, a minha admiração contrasta por ser ascendente e incontida. A cada visita ao ateliê, a cada exposição que inaugura, sempre saio mais certo daquilo que preconizava o início de nossa longevida: que grande sujeito esse meu camarada, que artista supremo!

Das misturinhas às telas colossais, das tiras em quadrinhos em preto e branco à orgia das cores multidimensionais, sempre presentes na essência nuclear de seu pensamento. Força expressiva e linguagem inconventional: para mim, são os pilares determinantes do artista que cria a obra poderosa.

E assim descrevo a trajetória do meu fundamental amigo. Do pré-histórico Antonio surgiu o moderno Malta, para daí finalmente sintetizar o efêmero da existência na imortalidade de sua criação: a magnífica obra do artista Antonio Malta.

Nando Reis

P.S. Como o doce das águas do rio se misturam com o sal das águas do mar, nessas telas vemos também as cores de Zoé Passos acrescentando outras cores às novas telas de Antonio. E o tempo?... Segue firme e em frente, sempre inalcançável como incessante movimento.



And in the beginning was Antonio

I've known Antonio Malta since always, since before I knew the earth was round or how to tie my own shoes, or even before learning to brush my milky teeth. And way before discovering the timeless figure of Antonio Malta, because in the beginning of time, there was only Antonio, Candinho's brother. And this was when the iron gate still wasn't painted blue, and the Snow Ball was located in the Ibsen da Costa Manso street.

However, there was a decisive, mysterious and inexplicable fact.

One fine day, all Malts disappeared from the face of the earth and legend has it they migrated to the Northern hemisphere.

When they returned, they looked different. The cups, which were originally white porcelain, transformed into dizzying orange plastic. The handlebar in his old bike extended bifurcating into an astonishing Berlineta¹. And, suddenly, I see sliding down the Itapirapuan street a redesigned Malta, modern, jaunty, and with his blond hair flying.

In the face of my stunned eyes, a brand-new Antonio sculpted in asphalt the path of his new cultured-future.

Germinated the seed of friendship blossomed in multiple thriving verdant branches. As its major fruits, pencil drawings, colored graphite, Sylvapen markers, foreseeing the use of India ink.

During this time, despite being alphabetized and talking endlessly, we communicated in a better way while covering the paper: that was our vocabulary.

I never asked Antonio about the importance of Hergé and of Tintin in his life. But I'm sure of the importance that Millôr had.

Tormented by a beachy delirium, we spent an entire day seeking the entity of the idol, which I don't know who said was located in the Lázaro². To no avail. Myths don't walk in human steps, they fly with the invisible wings of super-heroes.

During our adolescence, I had an unequivocal realization: Antonio was an ace soccer player. In this life, more than words, we both exchanged passes. Mine, which were clumsy and anxious, were always perfected by the refined technique of my Corinthians-supporting friend. Malta, as he was known back then, became the absolute starter player for the Papagaio team. He held the number 5 shirt, which never felt fair given his center-field position. The thing is that the midfield had the competition of the skillful Marcelo Fromer and Rodrigo Andrade, but that's another story.

The name of the team, Papagaio, came from the homonymous comic book. Three spectacular issues were published by the printing office of the Colégio Equipe.

In the comic book pages, Malta's talent arose eminently. A genius creation, Doctor Josesmain defined a symbol that would come to permeate the oeuvre of my past-eternal friend: the short flap hat (could the hat of the enigmatic gentleman be a relation with the disconcerting flicks³ that his creator ruthlessly distributed in the field?). Still in the Papagaio comic book, Malta drew the now unpublishable "Trocadalhos do Carilho".

Then came the unexpected: as a monk from Bhutan, Malta retired in an enigmatic and disturbing silence. He dove into a particular retreat, which back then seemed to be an inscrutable black hole, but which today I understand as being the big-bang of his disruptive journey. Malta created, back then and there, his pictorial universe, which as equally singular and seductive. His brand, his stamp, his spice, his language and his style.

Our friendship is perennial and constant, which is the complete opposite of my admiration – constantly ascending and uncontained. With each studio visit, with each new exhibition he opens, I always leave even more certain of what the beginning of our farlife⁴ forbode: what a great fellow my friend is, such a supreme artist!

From the "misturinhas"⁵ to his colossal canvases, from the comic books in black and white to the orgy of multidimensional colors, always present in the central essence of his thought. Expressive force and unconventional language: for me, these are the decisive pillars of the artist who creates powerful work.

And, thus, I describe the trajectory of my fundamental friend. From the pre-historic Antonio came the modern Malta, in order to then synthesize the ephemerality of existence in the immortality of his creation: the magnificent oeuvre of artist Antonio Malta.

Nando Reis

P.S. Like the sweetness of river water mixes with the saltiness of seawater, in these canvases we can also see the colors of Zoé Passos adding different colors to Antonio's new paintings. And what about time?... It goes on steady and forward, always unreachable as incessant movement.

¹ Popular bicycle model in Brazil in the 1970s.

² Beach in Ubatuba, Brazil.

³ In Portuguese, the soccer slang "flick" is equivalent to the word "hat" in English, hence the author's wordplay between the character in Malta's paintings and the soccer move on the field.

⁴ In the original version of the text, the author coins the neologism "longevida".

⁵ "Misturinhas" are a series of assemblage, collage, watercolor, gouache and oil works on paper, cardboard and canvas, always in small scale, which often serve as the basis for larger paintings.



Lavoura, 2022
óleo sobre tela
120 x 150 cm
oil on canvas
47 ¼ x 59 in



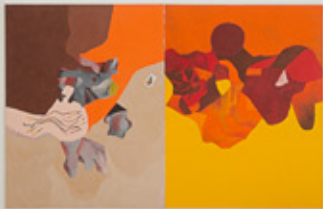
Nuvem, 2022
óleo sobre tela
230 x 360 cm
oil on canvas
90 5/8 x 141 5/8 in







Arquipélago, 2022
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 4/5 in



LUOMAH ATILJAHT
ARIV
SIMÕES DE ASSIS
2173A



Deserto, 2021
óleo sobre tela
230 x 360 cm
oil on canvas
90 5/8 x 141 5/8 in









Mangá, 2022
óleo sobre tela
150 x 100 cm
oil on canvas
59 x 39 ³/₈ in



Faixas, 2021
óleo sobre tela
200 x 160 cm
oil on canvas
78 ¼ x 63 in

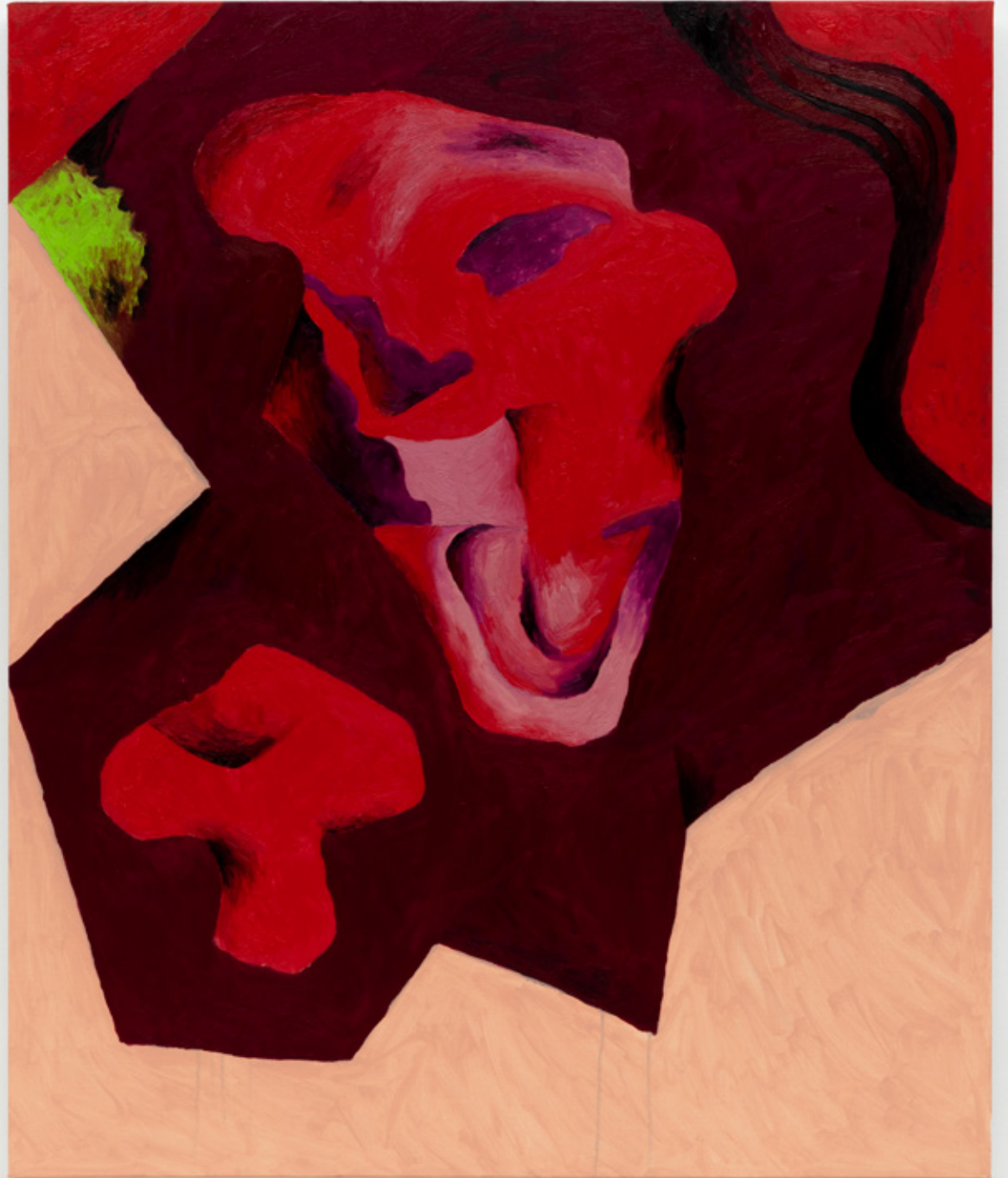


Totem, 2021
óleo sobre tela
200 x 160 cm
oil on canvas
78 ¼ x 63 in









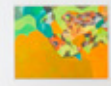
Coração, 2022
óleo sobre tela
120 x 100 cm
oil on canvas
47 ¼ x 39 ⅜ in





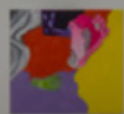
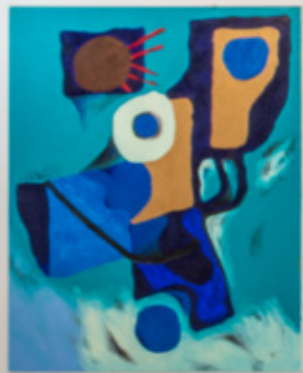
Pedra Verde, 2021
óleo sobre tela
200 x 160 cm
oil on canvas
78 ¼ x 63 in







Paisagem, 2021
óleo sobre tela
100 x 150 cm
oil on canvas
39 3/8 x 59 in



Cometa, 2022
óleo sobre tela
120 x 130 cm
oil on canvas
47 ¼ x 51 ¾ in







Sem título, 2021
óleo sobre tela
200 x 160 cm
oil on canvas
78 ¼ x 63 in







Paisagem Mineral, 2022

óleo sobre tela

100 x 120 cm

oil on canvas

39 3/8 x 47 1/4 in



Jóia, 2022
óleo sobre tela
100 x 150 cm
oil on canvas
39 3/8 x 59 in





Paisagem, 2011
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 ¹/₈ x 15 ³/₄ in



Sem título, 2014
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 7/8 x 15 3/4 in





Nuvens, 2014
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 7/8 x 15 3/4 in



Céu vermelho, 2012
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 ⁴/₅ x 15 ³/₄ in





Personagem, 2012
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 7/8 x 15 3/4 in



Corpo, 2012
aquarela sobre papel
30 x 40 cm
watercolor on paper
11 7/8 x 15 3/4 in





Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) é pintor, gravador e desenhista. Iniciou sua trajetória artística ainda na escola, desenhando suas próprias histórias em quadrinhos. Em meados dos anos 1980, passou a explorar a pintura, linguagem que vem trabalhando sistematicamente desde então. Com formação em arquitetura pela FAU-USP, é uma figura marcante da célebre Geração 80.

Malta Campos explora possibilidades livres da forma e da cor, principalmente no suporte da pintura – seja na aquarela, seja empregando a tinta a óleo. O desenho, contudo, atravessa toda a sua produção, estabelecendo diálogo com a colagem e a gravura em suas pesquisas. O artista explora os limites do conforto visual, especialmente quando se trata das distinções entre o abstrato e o figurativo. Os tamanhos com que trabalha são igualmente variados, uma vez que sua pesquisa inclui pequenos estudos que, posteriormente, podem ser transpostos para dimensões maiores, em escalas até monumentais. Esse corpo de esboços, chamado de “Misturinhas”, atravessa toda sua carreira. Uma seleção dessa produção contínua de pequenos formatos foi exibida na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, ao lado de grandes pinturas a óleo. São traços desinibidos de lápis ou nanquim, com recortes, colagens, adesivos, acrílica e óleo, com uma variedade infinita de composições que revelam universos a serem explorados.

Já suas formas e paisagens são uma exibição cromática com anamorfismos e distorções que parecem ser autônomos, independentes de si dentro do plano. Concilia em seu repertório visual a tradição da pintura a óleo com toques de gráficos, utilizando elementos ora figurativos, ora abstratos, além de imagens extraídas da história da arte, da cultura de massa e de seu entorno cotidiano no ateliê. É um artista que consegue criar texturas diversas por meio de diferentes técnicas, enquanto suas formas partem de um vasto leque de repertório filosófico, literário e plástico. Além disso, sua produção tem sempre um olhar direcionado para referências da arte moderna, principalmente nomes como Pablo Picasso, Georges Braque, Paul Klee, Joan Miró, Le Corbusier, Maria Martins, Henry Moore e Burle Marx.

Realizou exposições individuais na Simões de Assis, na F2 Galeria, em Madri, e no Centro Cultural São Paulo em diálogo com Erika Verzutti. Entre diversas importantes mostras coletivas, participou da 32ª Bienal de São Paulo, em 2016; da 33ª Bienal de São Paulo, em 2018; e da exposição Pangaea, na Saatchi Gallery, em Londres, 2014. Suas obras integram relevantes coleções públicas como Museu de Arte do Rio - MAR, MAM Rio de Janeiro, Pinacoteca do Estado de São Paulo; Olor Visual, Barcelona e Saatchi Collection, Londres.

Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) is a painter, engraver and draftsman. He began his artistic career while still at school, creating his own comic books. In the mid-1980s, he began to explore painting, a language he has been systematically working on ever since. With a degree in architecture from FAU-USP, he is an outstanding figure of the famous “Geração 80” (Painters of 1980 generation in Brazil).

Malta Campos explores multiple possibilities of form and color, mainly in the painting medium – whether using watercolor or oil paint. Drawing, however, traverses his entire production, establishing a dialogue with collage and engraving in his research. The artist explores the limits of visual comfort, especially when it comes to the distinctions between abstraction and figuration. The sizes of his works are also quite varied, as his research includes small studies that can later be transposed to larger (even monumental) dimensions. This body of sketches, called “Misturinhas” (little concoctions, in a loose translation) has been a part of his entire career. A selection of this continuous production of small formats was shown in the 32nd São Paulo Biennial, in 2016, alongside some of his large oil paintings. They are uninhibited lines, in pencil or ink, with cutouts, collages, stickers, acrylic and oil interventions, with an infinite variety of compositions that reveal unexplored universes.

His forms and landscapes are a chromatic explosion, with anamorphisms and distortions that seem to be autonomous, independent within the picture plane. He combines in his visual repertoire the tradition of oil painting with graphic influences, using either figurative or abstract elements, as well as images from mass culture, art history and his own surroundings. He is an artist who manages to create textures through various techniques, while his forms depart from a wide range of philosophical, literary and plastic repertoires. Furthermore, his production also references modern art, especially names such as Pablo Picasso, Georges Braque, Paul Klee, Joan Miró, Le Corbusier, Maria Martins, Henry Moore and Burle Marx.

Malta Campos has held solo shows at Simões de Assis; at F2 Galeria, in Madrid; and at Centro Cultural São Paulo, in dialogue with Erika Verzutti. Among several important group exhibitions, he was part of the 32nd and 33rd São Paulo Biennial, in 2016 and in 2018; and of the show “Pangaea”, at Saatchi Gallery, in London, 2014. His work integrates relevant collections, such as: Museu de Arte do Rio – MAR; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Olor Visual, Barcelona; and Saatchi Collection, London.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315